



A (re) construção do homem no convívio social e organizacional: da complexidade à quebra de paradigmas¹

Newton Fernandes de ÁVILA²

Silvana Padilha FLORES³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Pautado em questões como complexidade e ambiente, o presente artigo tem o intuito de pontuar como o indivíduo se relaciona na plural diversidade de pensamentos, existentes no cotidiano e nas organizações. Desse modo, estabelecer relações sólidas predispõe conhecimento prévio do comportamento de um corpo que se situa em um meio social e publica a todo instante, informação, para assim, entender, refletir e provocar a (re) construção do homem, possibilitando trocar as influências dos comportamentos complexos para quebrar paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Indivíduo; Corpo; Organizações.

1. Introdução

Eis que o indivíduo é corpo. Sujeito. Espaço. Movimento. Meio e entre-meio. E situado através da imagem, apresenta-se como representação corpórea de um corpo que caminha em direção às múltiplas interpretações.

As interpretações demandam códigos⁴ e linguagens⁵. E tudo é princípio da existência. Portanto, aprender implica fazer escolhas que representem o caminho a ser percorrido. Respirar. Tornar-se parte no ruir de um processo de transformação. Onde a condição de aprender convoca o apreender em um ambiente complexo e desafiador, que é o convívio social e organizacional.

Assim, o homem é representação, imagem e corpo. O corpo é um meio de comunicação que se manifesta em sua totalidade, através da fala, dos gestos e das

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 04 a 06 de junho de 2015.

² Graduado em Comunicação Social, Habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, e-mail: nfavila@ucs.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UCS, e-mail: spflores@ucs.br

⁴ Do ponto de vista intencional um código consiste em dois conjuntos correlacionados um com o outro numa relação de correspondência dos seus elementos. No domínio da comunicação há o universo dos significantes e o universo dos significados. A natureza intencional do código está em fazer corresponder a cada elemento de um conjunto um elemento do outro conjunto (FIDALGO, 2003, p. 81).

⁵ A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos (CHAUÍ, 2000, p. 177).



expressões. “Meios, como o próprio nome diz, são meios, isto é, suportes materiais, canais físicos nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam” (SANTAELLA, 2005, p. 379).

Pode-se dizer que o corpo é objeto de curiosidade por ser uma engrenagem misteriosa, o que possibilita diferentes e múltiplas definições para este componente físico do ser humano, com base na sua cientificidade. Dentro dessa perspectiva, o corpo somente comunica quando se expressa. E a construção da comunicação só acontece quando há intervenção e interação no processo de quem recebe a informação.

Desta forma, acredita-se que ao estabelecer vínculos nas relações é possível perceber uma comunicação baseada na busca do consenso (aceitação e troca). Neste contexto, permite-se a ruptura do silêncio de ideias como características de um corpo que se transforma, aplicando novos olhares, resultantes de um indivíduo em constante mutação nos grupos e nas organizações contemporâneas (ZIMERMAN, 2010).

Aponta-se então, a necessidade de trabalhar a imagem do indivíduo como consistência de um corpo que expressa o seu ser na totalidade. E o que se consolida com a construção da imagem? Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Imagens são mediações entre homem e mundo e pressupõe um sistema de significado como condição necessária (ECO, 1999).

As imagens são, portanto, a comunicação estabelecida e o resultado do esforço de abstrair-se a forma de como o corpo se apresenta na relação-convívio em sociedade e, assim, (re) construir seu comportamento através da percepção e quebrar paradigmas.

Assim, buscando integrar a vivência e a percepção do indivíduo com um olhar diferenciado para o conhecimento, tem-se a (re) construção do homem, baseando a transformação necessária para a atuação no cotidiano e mercado de trabalho e, apresenta-se o presente estudo com o propósito de contribuir significativamente para o desenvolvimento da imagem pessoal e profissional do ser humano.

2. O corpo na construção da comunicação e da imagem-identidade através das linguagens e suas múltiplas interpretações

O corpo na comunicação torna-se o efeito produtor, a linha que exterioriza a informação e gera contato. Neste contexto, cabe citar que, a partir da ascensão do capitalismo e, conseqüentemente, da modernidade, todas as implicações culturais



decorrentes dessa nova forma de se organizar social e culturalmente passa a ter outra percepção do corpo, assentada em novos valores e ideologias.

Foucault (1999; 2004) pensa-o como lugar de todas as interdições e regras sociais que tendem a construir um corpo pelo aspecto de múltiplas determinações. Para ele, o surgimento do corpo enquanto objeto científico é expoente das implicações do capitalismo na nova percepção de como os indivíduos se veem e são vistos.

Na sociedade contemporânea, descrita por Manuel Castells (1999), as representações do corpo passam a implicar uma revolucionária problematização do par natureza/cultura, principalmente em função das possibilidades abertas pela virtualidade cibernética e pelo caráter tecnológico advindo da tecnologia da informação.

Perante a este corpo, modificado e fragmentado, em tempos de modernidade, onde se baseia a construção da imagem e o que ela propõe? Em um sentido, em vários sentidos, construir uma imagem na corporificação do indivíduo, predispõe estar aberto para novas interpretações e suas bifurcações.

A construção referida reporta-se ao caminhar. Andar em paralelo. Aprender e apreender. E se justifica pela busca de novos conhecimentos válidos, abrangentes, relevantes e seguros que produzirão a um melhor relacionamento do homem com seus semelhantes e com o próprio meio do qual também é parte.

Partindo-se do pressuposto de que conhecimento (linguagem e pensamento) está intimamente ligado aos sentidos (SANTAELLA, 2005), isto para o corpo, é indispensável para (re) constituir desenvolvimento, onde a percepção da complexa rede de relações entre seres e meio passa a fazer parte da vida do cotidiano, norteando todos os seus comportamentos.

Há que se ter também como complemento, uma nova direção para a construção da identidade, que permeie uma significação e que complemente a consciência/percepção corporal na construção de habilidades individuais, olhares e reflexões plurais de uma estrutura que interioriza o ser humano e o coloca em conforto consigo mesmo, interferindo, desta forma, nas relações interpessoais organizacionais.

Situado abaixo, está uma observação direta feita em estudo de campo, abordando as manifestações corporais frente ao comportamento e à comunicação entre os indivíduos:

“À medida que o tempo ia passando, o sujeito ia, os sujeitos iam, contemplando através do olhar perceptivo, os corpos e comportamentos em movimento pelo ambiente fechado. Frações e refrações de um corpo que suscitava informações.



Olhava mas não entendia a fundamentação. Essas eram as iniciais ideias conclusivas de um sujeito que pré-julgava o comportamento pela vista não tão bem vista sem o uso do estalo analítico do indivíduo. Os corpos se entreolhavam. Indagavam em sua realidade a ânsia de uma resposta que extrapolasse os limites da interpretação para seus comportamentos. E buscasse a identidade cultural de um sujeito que se relaciona em sociedade”.

Esta pequena observação com duração de algumas horas, do indivíduo em confronto com as relações interpessoais e o desafio de expor-se num grande grupo, relatam a dificuldade em mostrar o seu ‘eu’, esquivando-se do pensar, agir e reagir, para assim não arriscar a percepção ao outro de sua frágil identidade. E isso implica na construção e duração de suas relações.

A complexidade do ambiente e o despreparo para situações organizacionais, coloca o indivíduo em conflito com sua imagem-identidade frente à massa coletiva. Assim, omitindo-se em ser um indivíduo único (identidade diferenciada) num universo plural. A despeito disso, Hall (2006) afirma que uma transformação no final do século XX foi provocada nas sociedades modernas através de um tipo diferente de mudança estrutural. A ‘crise da identidade’ trazida pelo autor, mostra que há um deslocamento de estruturas e processos das sociedades modernas e, isso é visto como parte de um processo mais amplo de mudança, modificando as referências que situavam o indivíduo no mundo social.

Dessa forma, ele apresenta três distinções muito diferentes de identidade, as concepções de identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo mostrava um indivíduo idêntico ao longo de sua existência. Era somente um misto de consciência, ação e qualificação por suas capacidades de razão. O sujeito sociológico manifestava o interno e o externo de suas concepções existenciais e deixava perceber que a relação do outro tinha importância para ele, “[...] estruturando a construção da identidade, mediado por valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura” (HALL, 2006, p. 12).

O sujeito pós-moderno, por sua vez, se mostra fragmentado, um misto de várias identidades que são contraditórias ou não-resolvidas, percebidas pelo comportamento externo do indivíduo. Esse processo mutante mostra um sujeito que assume “identidades diferentes em diferentes momentos”, trazendo à tona de que as “identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).



Dessa forma, a identidade é preenchida por uma falta de interação a partir do exterior, de como o indivíduo imagina e como são vistos pelos outros. Assim, deve-se ver a identidade como identificação – um processo em andamento – que permite construir-se na relação-convívio em sociedade, o que constitui a pluralidade das culturas e as percepções do sujeito em busca de significados, interpretações e reinterpretções das linguagens sem afastar-se, reproduzindo, se readaptando, se transformando e se regenerando como as coisas vivas.

A linguagem, no mundo contemporâneo, perpassa cada uma das atividades individuais e coletivas. Verbais ou não verbais, as linguagens se cruzam, se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

Conforme Foucault (1999; 2004), conhecimento e linguagem estão estreitamente entrecruzados, tem, na representação, sua origem e mesmo princípio de funcionamento; apoiando-se um ao outro, completando-se e se criticando incessantemente. Assim, em sua forma mais geral, conhecer e falar, consistem, primeiramente, em analisar a simultaneidade da representação, em distinguir-lhe os elementos, em estabelecer as relações que combinam, as sucessões possíveis segundo as quais se pode desenvolver.

Acredita-se que a linguagem tem as suas bases no cérebro e se, por esse motivo, a mente é “geradora de signos”, verbais ou não, matriz do pensamento, ela precisa processar os signos, a partir da percepção.

É assim, pela percepção – e pela lógica semiótica que a governa – que os dados do real tornam-se signos com os quais a mente lida. Se, é pela linguagem e pelas línguas em particular que a realidade experiencial fica plasmada, não é senão pelas portas da percepção que, tem-se acesso a essa realidade (SANTAELLA, 2005).

Com isso, pressupõe-se que para haver transformação na comunicação organizacional, faz-se necessário a mudança de hábitos e a observação da percepção, enfatizados nas múltiplas linguagens, para gerar novos comportamentos na composição de um corpo que expressa a comunicação, usando-se de métodos para comunicar e gerar a transmissão da mensagem, descobrir-se e redescobrir-se para proporcionar a (re) construção no convívio social.

3. A comunicação organizacional e a complexidade da mudança de comportamento frente à massa coletiva



A comunicação no contexto organizacional, refere-se a todas as ações de interação envolvendo a organização e outros atores sociais que se relacionam com ela. Tais interações podem se estabelecer de forma espontânea e não planejada, até a um grau em que há efetiva gestão das ações através do planejamento de comunicação.

Neste sentido, McLuhan (1974) utilizando-se de uma habilidade peculiar para metáforas e comparações ao mesmo tempo incontestáveis e geradoras de reflexões radicais, afirma que muitas vezes os meios cegam o homem, não permitindo que ele veja qual o meio originário por considerá-lo parte de sua vida a ponto de ser uma extensão dele próprio. Contudo, o conhecimento passaria a ser construído de forma global.

Assim, nas palavras de Morin (2004, p. 14), “podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar”.

Sabendo-se que a comunicação é relacionamento, juntar, cruzar interesses e compartilhar, torna-se meio e entre-meio, no que tange a interagir com o indivíduo. Assim, construir e difundir os significados do ambiente organizacional se faz necessário para entender a cultura de cada empresa.

“Cultura é aperfeiçoamento, enriquecimento do homem. Comunicação é construção de significado e inter-relação. Cultura e comunicação são, com certeza, recursos indissociáveis, são estratégicos e responsáveis pelo bom desempenho [...]” (MARCHIORI, 2008, p. 09).

O conhecimento da comunicação favorece a compreensão crítica das relações que os indivíduos mantem, também como, o estabelecimento da cultura identifica, muitas vezes a complexidade do ambiente. Pensar a complexidade como sendo um elemento que não proporciona transição é, emudecer as intervenções dos indivíduos na busca de uma relação transformadora e geradora de resultados satisfatórios no universo organizacional.

Bem mais importante do que estabelecer a complexidade existente na empresa, é refletir sobre ela, de maneira regrada e sistemática, para transformá-la em um mecanismo de transmissão de informações, de sentimentos e de ideias, que levarão à quebra de paradigmas na condição necessária de emissor e receptor produzirem uma interação dialógica com ação de reciprocidade.



Um paradigma é o ato e o fato de fazer aparecer ou representar alguma coisa, de maneira que isso seja exemplar, no intuito de dar destaque a seus princípios constitutivos (POLISTCHUK; TRINTA, 2003). Paradigmas são, uma série de apontamentos, um conjunto que, através das teorias científicas pode ser fundamentado ou não. Servem de modelo, fornecem um ponto de partida, firmam um ponto de vista sobre um determinado assunto.

Assim, conhecer cada vez mais a organização da qual se participa, é entrar no interior de sua existência, para entender a sua evolução e, identificar possibilidades para uma ação mais sensata, enaltecer vontades, pensamentos, atitudes e comportamentos que serão permanentemente atualizados de maneira consciente, em todos os níveis de relações, para crescer e reconhecer as formas e os formatos empregados pela estrutura organizacional. Como também, ressaltar a importância das relações interpessoais é entender no que consiste o comportamento do indivíduo e quais serão seus benefícios para as organizações.

Revelar a complexidade numa estrutura organizacional e alinhar à quebra de paradigmas pressupõe a construção de sentidos, que abrigarão as contradições entre o controle e a compreensão, e farão perceber que missão, visão, políticas e valores, deverão estar interligados no compartilhamento dos conceitos da empresa e com a atuação que deverá ser interacional, para, deste modo, ligar os públicos na extensão das relações profissionais duradouras.

Percebe-se então, a constatação da fragmentação dos saberes que criou indivíduos mecanizados ao executar as tarefas, e dificultam o entrosamento de pensar, agir e reagir em equipe. Faz-se necessária assim, a inclusão de preocupações de origem psicológica, sociológica e contextual dos comportamentos para que, se possa religar os conhecimentos dispersos que se defrontam com uma tecnociência arrogante e um humanismo desprezado.

Entende-se que, uma vez estabelecido um determinado comportamento, o indivíduo reage no ambiente situando-se através de percepções adquiridas até então. Se, por acaso, o meio se modifica, o corpo reage de maneira diferente. Formas antigas de comportamento devem desaparecer, enquanto novas consequências precisam produzir outras formas de pensamento e cultura, que levarão à contorção, onde adaptar-se faz parte do contexto contemporâneo para estar inserido.

Estas mudanças irão proporcionar benefícios, como lidar com confrontos com maior facilidade e satisfação, menos stress e maior confiança. A ação se dá com maior



tato, melhora-se a imagem e a credibilidade, expressa-se o desacordo de modo convincente e resistem às tentativas de manipulação e ameaças (ROBBINS, 2010).

O comportamento reconfigura-se em um sistema de interações entre valores variáveis de estímulos-respostas pertencentes a um organismo que atribui pertencimento e a possibilidade de se manifestar e extrair percepção.

Portanto, para mudar a complexidade do comportamento frente à massa coletiva, uma atitude questionadora deve tomar à frente e tem como representante maior o comportamento de perguntar – com o corpo, expressões, gestos e fala. De tornar hábil a vontade de explorar o conteúdo, a informação, ir mais além. Este ato de perguntar deve se tornar uma constante que pode ser apreendida pelo indivíduo em várias situações e ambientes. O ambiente favorável gera um aumento da frequência do comportamento de perguntar que, ao ser dominado pelo indivíduo, torna-se um modo de agir em constante desenvolvimento.

A mudança de comportamento é, portanto, uma soma de aprendizado, vivências e percepção do ambiente e convívio em sociedade. Traz em sua estrutura um misto de relações e conhecimentos que compartilham com um intercâmbio de informações para determinar as posturas expressadas para interagir, seja em conversas informais ou situações organizacionais distintas.

Ao perguntar e interagir o indivíduo percebe um novo ângulo em uma estrutura, exige de si uma nova postura diante da dinâmica das relações. Assim, reforça a importância da interpretação, decodificação, geração de significado, entendendo-os como um processo de avaliação das informações recebidas, tornando possível a mudança de atitudes e comportamentos como elementos de evolução.

Pensar o homem como um ser humano dotado de capacidade de discernimento e raciocínio para agir com as outras pessoas, é distingui-lo dos outros animais (MATURANA, 1995), o que faz perceber que o comportamento é fator predominante para as causas das relações interpessoais.

Assim, o autor faz refletir sobre as manifestações comportamentais e a expressão da linguagem que se desenvolve no contexto da troca relacional, dizendo que é preciso ter uma aceitação mútua em relação ao outro na convivência, para obter a coordenação de ações e poder deixar a mensagem fluir.

Dessa forma, tem-se o surgimento da comunicação interpessoal nas sociedades orais, isto é, naquelas que não dispunham de nenhum sistema de escrita e a comunicação entre as pessoas era direta. As “mensagens eram sempre recebidas no



tempo e lugar em que eram emitidas” (LÉVY, 1997, p.114). De acordo com o autor, a primeira grande revolução na área da comunicação interpessoal foi a invenção da escrita, que possibilitou registrar o pensamento de pessoas de diferentes localidades e épocas, para serem conhecidos por outras ao redor do mundo através de pergaminhos, papiros, livros, etc.

Lévy aponta ainda que, pela primeira vez, os discursos foram separados do contexto onde ocorriam. Ou seja, não era mais necessário um contato direto para que se pudesse conhecer o pensamento de outras pessoas.

A respeito da amplitude da comunicação interpessoal e suas possibilidades, o autor acredita que, mesmo que se reconheça que os seres humanos possuem algumas características “cognitivas” universais, as formas de conhecer, sentir ou pensar são condicionadas pela época, cultura e circunstâncias ou o que chama de “transcendental histórico”. De acordo com ele, o transcendental histórico é aquilo que estrutura a experiência dos sujeitos.

Já na visão de Eco (1999), a comunicação gira em torno dos signos, que estão presentes em todos os lugares. Os textos, as imagens, as frases, as roupas, atitudes, os fatos históricos, os movimentos sociais, as publicidades e propagandas, entre uma série de outros elementos, contam com a presença de signos, que tornam possíveis as interpretações e o desencadeamento de relações com outros meios.

Por fim, faz-se urgente entender que ao pensar nas organizações como gestão estratégica de comunicação, que envolve a troca de informações para obter um diferencial prático no mundo competitivo, necessita-se entender também que o corpo age como mecanismo de movimento.

Movimento que proporciona ação e resultado frente aos obstáculos. E, assim, olhar para as novas estruturas, com foco nas mudanças corporais que suscitam os ambientes. Também é preciso ousar e explorar novos conteúdos, descobrir maneiras de estimular o processo de comunicação organizacional, permeando as relações internas e externas para evoluir constantemente.

Porém, para a mudança e a transformação das relações, este indivíduo, necessita rever seus comportamentos frente ao outro, para gerar métodos assertivos de comunicação. E abstrair-se da massa coletiva – que o traduz no conceito midiático virtual, como um objeto mecânico e robotizado que acompanha a coletividade cega – e tornar-se indivíduo novamente, um ser capaz de filtrar e raciocinar de maneira



equilibrada, para expor suas ações no meio social e com um novo olhar perceptivo estabelecer vínculos na relação-convívio.

4. O viver vinculado – percepções de uma estrutura plural

Tudo começa pelo início. Tudo tem um porquê. A existência é a ocupação de um espaço. O espaço é delimitado com o peso do corpo. O corpo transita adquirindo conhecimento. O pensamento se torna linguagem. O corpo se expressa. Exprime ideias. Transforma desafios em oportunidades. A articulação da argumentação pressupõe cultura e comportamento. O comportamento muda. As relações se alteram. Os indivíduos interpretam a realidade a partir de sentenças que julgam o olhar. E caminham em uma direção.

Assim, o homem, vê, analisa e interpreta a realidade que o cerca da forma mais variada possível. E, por isso, deve se tornar questionador sobre os elementos de informação. Esta característica leva à criação de novos materiais e sistemas, úteis para a evolução humana.

A pergunta gera crítica, entre os perguntantes, e esta crítica questiona a realidade que leva a uma conduta do saber que posiciona o indivíduo ao fazer. Este fazer ganha amplitude, quando se torna um fazer relacional, pois assume uma postura crítica mediante os fatos. Põe os indivíduos em contato, mostrando as diversas culturas, gera conflito e divergência, embora permita criar resoluções nas formas e indagações, para gerar vínculos e solidificar a comunicação interpessoal nas organizações (MARCHIORI, 2008).

Dessa forma, as particularidades da aprendizagem, buscam argumentos válidos nos acontecimentos, no ato de comunicar, integrando a cultura do sujeito corpo, que estimulam o comportamento estético para garantir a predisposição da mudança e o conhecimento das coisas, para tornar-se um indivíduo completo e capaz de reformular conceitos no mundo contemporâneo (ROBBINS, 2010).

Ainda nesta mesma linha de considerações, a primeira definição etnológica de cultura é conhecida do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917) que diz que cultura e civilização, em um sentido amplo, podem ser vistas como um conjunto complexo que envolve conhecimento, crenças, arte, moral, direito, costumes e outras capacidades e hábitos adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade.



Assim, para Chauí (2000, p. 372) a definição de cultura “[...] vinda do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar [...]” é, o aprimoramento da natureza humana pela educação em sentido amplo. Cultura aparece representada como forma de aprender e apreender e permite estabelecer relações que criam amplitude à maneira pela qual vai se constituindo conhecimento do mundo.

E o corpo comunica. A comunicação predispõe conhecimento. E o conhecimento passa por vários caminhos que são construídos com as vivências do indivíduo. Dessa forma, o conhecimento torna-se fragmentado se observado desde os tempos primórdios, impulsionado pela visão mecanicista de mundo, de Descartes. Morin e Le Moigne afirmam que “Descartes, ao propor o problema do conhecimento, determina dois campos de conhecimento totalmente separados, totalmente distintos” (2000, p. 27). Esses campos distintos foram reconhecidos como sujeito e objeto, baseando sua concepção de forma independente e separada, na mente e na matéria.

Essa separação dualista influenciou os processos de aquisição, construção e disseminação do conhecimento, e a separação entre sujeito e objeto permaneceu como forte característica do desenvolvimento de aprender. Neste contexto, Morin afirma que “[...] a ciência ocidental baseou-se sobre a eliminação positivista do sujeito a partir da ideia que os objetos, existindo independentemente do sujeito, podiam ser observados e explicados enquanto tais” (1991, p.48).

Assim, pode-se pensar que comunicar o conhecimento é estar vinculado. E, que a interação social é, ao menos potencialmente, uma interação dialógica, comunicativa. Permeia a construção de ideais que formarão uma linha tênue para o segmento no contexto organizacional (CASTELLS, 1999).

Pois, as pessoas sabem intuitivamente que a comunicação – a companhia dos outros – é uma das mais básicas necessidades humanas e que a falta de contato é uma das punições mais cruéis que uma pessoa pode sofrer. Além de ser emocionalmente dolorosa, a falta de contato e de companheirismo é tão grande que pode afetar a própria vida (ADLER e TOWNE, 2002).

A comunicação através do corpo torna comum, podendo ser um ato de mão única, como transmitir, ou de mão dupla, como compartilhar. Assim, estabelecer vínculos nas relações é ter o corpo como meio para comunicar e manifestar a representação de uma realidade e adquirir, apropriar-se do conhecimento.

Neste sentido de compreensão dos vínculos interpessoais, o psicanalista David Zimmerman (2010), apresenta um olhar sobre os quatro vínculos: amor, ódio,



conhecimento e reconhecimento. O tema assume maior relevância à medida que auxilia na compreensão de como as relações vinculares estão implicadas nos processos de aprendizagens.

As expressões dos comportamentos através dos vínculos, fluem em cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum que monta e remonta o andar e os gestos, de forma que a unicidade do sujeito suscita estabelecer ligação e conhecimento, para ser reestabelecida com a mudança de interpretações. Dessa forma, cada vínculo: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento, implica a reflexão sobre o ato para poder permitir a percepção no contato.

O corpo encarna, então, a possibilidade de compreensão através de uma nova direção perceptiva, e manifesta essa mudança por meio da expressão, dos gestos e das palavras, assinalando o caráter corpóreo da significação, cuja apreensão está na reciprocidade de comportamentos vividos na dimensão social.

Isso transforma um perguntante em questionador. Como questionador, e subsequente, vem a crítica, o que leva a então, o indivíduo a produzir conhecimento. O conhecimento permite a reflexão e a percepção de situações novas e desafiadoras.

A percepção é transformadora, assim, como sua atitude questionadora diante da realidade, para construir modificações nas relações e no ambiente. Ao questionar, o indivíduo abandona sua cômoda passividade e estabelece ligações cada vez mais complexas com o mundo que o rodeia por desenvolver uma atitude participativa nessa realidade.

5. Considerações Finais

O corpo é sujeito e objeto (mente constituinte) na sua totalidade de expressão. “O sujeito do conhecimento é aquele que reflete sobre as relações entre atos e significações e conhece a estrutura formada por eles (a percepção, a imaginação, a memória, a linguagem, o pensamento)” (CHAUÍ, 2000, p. 150).

A essa flexibilidade de mudança apregoada no comportamento do indivíduo, há um fundamental alinhamento entre o estar disposto a tais mudanças e introduzir o conviver – com tato – nas relações, pois só assim, as mudanças acontecem, ocorrendo uma modificação na expressividade das emoções, gerando no novo comportamento, a conservação da nova rede de conversações para assegurar e constituir a nova cultura.



Desta forma, o corpo manifesta um indivíduo pensante e comportamental que publica sua forma de ver e interagir para compartilhar. E com as experiências do indivíduo, o corpo adquire informações, conhecimento, aprende e apreende, reflete, percebe e conseqüentemente, propicia a participação do sujeito mudando a respiração, a postura, a maneira de agir e de se portar no convívio grupal (interpessoal) ou na interiorização (intrapessoal) como ser.

Isso leva a entender que, conhecimento e percepção não se restringem ao pensamento e sim à aplicação prática da informação, feita a partir da comunicação entre duas ou mais pessoas.

Assim, é muito mais do que isso, envolve compreensão, entendimento dos processos humanos de assimilação, de desenvoltura corporal, de liberdade, de criação e aprendizados individual e coletivo, entendimento de si e do outro.

Neste contexto, Santaella (2005) ressalta que a comunicação também é feita através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; e que o indivíduo é também leitor e/ou produtor de dimensões e direções de linhas, traços, cores. Enfim, também se comunica e se orienta através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes.

Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. O indivíduo é uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que se constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

E para a construção da comunicação interpessoal eficaz nas organizações, sabe-se da importância das relações sólidas entre os indivíduos, porém, como ser assertivos e como desenvolver essas práticas? Estudos científicos comprovados por autores relatam que é necessário mudar o diálogo interior de negativo para positivo e desenvolver a autoestima.

A assertividade é assumir uma atitude firme para defender seus direitos, colocar seus limites, manifestar sua vontade de forma educada, respeitando o outro. Permitindo assim, ao indivíduo, a intencionalidade e a resposta da mensagem numa mesma sintonia e, portanto, desprender os nós que transfiguram na comunicação, para poder (re) construir o homem na relação-convívio em sociedade.

E, mais que isso, reformular os argumentos, trabalhar o desafio de ir além, correr riscos, quebrar paradigmas, flexionar e mudar comportamentos já existentes e transgredir padrões, evidenciando suas intenções futuras advindas das escolhas que



acarretarão o início, o crescimento e a permanência na interação do convívio social e organizacional.

Torna-se importante para a consistência das relações, no âmbito social e organizacional, o sofrimento de alterações no contexto comportamental do indivíduo onde deve haver um fundamental alinhamento entre o estar disposto a tais mudanças e introduzir o conviver – com tato – nas relações, pois só assim, as mudanças acontecerão, ocorrendo uma modificação na expressividade das emoções, gerando no novo comportamento, a conservação da nova rede de conversações para assegurar e constituir a nova cultura (MATURANA, 1995).

Hoje, com o mundo contemporâneo e cheio de informações constantes, é preciso um comportamento diferenciado frente aos novos desafios e, desprender-se dos antigos conceitos, para assim trazer mudanças consideráveis de comunicação, numa postura pós-moderna organizacional, que pede um comportamento transdisciplinar (abordagem científica que visa a unidade do conhecimento, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade com abertura ao outro e seu conhecimento).

E faz pensar que, através do comportamento – o intérprete fiel da maneira como o indivíduo se sente ao longo da própria vida – as manifestações e os sentimentos não são entidades mentais e abstratas, mas sim manifestações corporais, concretas, do organismo. Neste sentido, expressar-se com o corpo (comunicar-se) pode-se dizer que, é contemplar um aprendizado que envolve emoções, ideias, sentimentos e pensamentos, pois a expressão é uma conduta preexistente e espontânea, assim, não há sentimentos sem uma manifestação corporal correspondente.

É tudo uma questão de olhar. Entender e interpretar. Assim, para finalizar, Berger (1999, p.10) diz que o “olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance – ainda que não necessariamente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação a ela”.

E assim, buscar internamente a consciência percepção/corporal que trará a transformação espontânea na história do conviver, utilizando-se do toque como subsídio de sobrevivência humana para fortalecer as raízes dos sentimentos exteriorizados pelos indivíduos.



REFERÊNCIAS

ADLER, R. B.; TOWNE, N. **Comunicação Interpessoal**. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 3 v. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FIDALGO, António. **Manual de Semiótica**. Portugal: UBI, 2003.

FOUCAULT, Michel (1999). **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MARCHIORI, Marlene. **Faces da Cultura e da comunicação organizacional** /Marlene Marchiori, organizadora. – 2. ed. – São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

POLISTCHUK, Ilana. TRINTA, Aloísio Ramos. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional** / Stephen P. Robbins, Timothy A. Judge, Filipe Sobral; [tradução Rita de Cássia Gomes]. – 14. ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ZIMERMAN, David. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento**. São Paulo: editora Tal, 2010.